

OS MÚLTIPLOS LETRAMENTOS E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ALFABETIZADO

THE LITERACIES MULTIPLE AND THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT LITERATE

Monique de Campos Ribeiro¹

Thaise da Silva²

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo identificar e descrever as práticas sociais de letramento que fazem parte do universo do alfabetizando e realizar um levantamento dos materiais de leitura e escrita com os quais as crianças convivem em seu ambiente familiar e escolar. Para tanto, sob a ótica dos estudos do letramento, foram entrevistadas dez crianças que frequentam uma turma de alfabetização da rede pública estadual de Dourados/MS. As ferramentas metodológicas utilizadas para a investigação foram análise textual e levantamento de dados. Os materiais coletados durante a investigação têm origens em questionários e entrevistas respondidos pelos estudantes. Com base nos dados coletados e nas análises realizadas conclui-se que a análise do espaço doméstico permite visualizar os discursos referentes à leitura que acabam por constituir o aluno leitor, uma vez que o incentivo dado a leitura e os materiais presentes no cotidiano acabam por influenciar as práticas de leitura.

Palavras - chave: Letramento. Alfabetização. Esferas de letramento.

Abstract: This research is objective at identifying and describing the social practices of literacy that are part of alphabetizing the universe and carry out a survey of the reading and writing materials with which children live in their family and school environment. For this, from the perspective of literacy studies, ten children were interviewed who attend a literacy class the public schools of Dourados / MS. The methodological tools used for research are textual analysis and data collection. The materials collected during the investigation have backgrounds in interviews and questionnaires answered by students. Based on the collected data and analyzes it is concluded that the analysis of domestic space lets you view the speeches regarding the reading that ultimately constitute the student reader, since the incentive given to reading and materials in the everyday end up influencing reading practices.

Keywords: Literacy. Literacy. Literacy levels.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo identificar as práticas sociais que acabam por constituir o sujeito alfabetizado. Assim esta pesquisa busca examinar as

¹ Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista CNPQ de Iniciação Científica. E-mail: moniqueamelia04@hotmail.com.

² Pedagoga, mestre e doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em alfabetização pela Faculdade Porto-alegrense (FAPA). Atua como professora adjunta na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: thaiseds@ibest.com.br.

práticas sociais e culturais que envolvem o ato de ler, presentes no espaço doméstico e em outros espaços de leitura. Tais estudos se entrelaçam com os Estudos Culturais, uma vez que a cultura nos permite examinar os discursos e práticas apresentadas no seio de um grupo social que formam o sujeito leitor.

O mesmo também tem por alvo discutir algumas das práticas de leitura usadas por crianças que acabaram de iniciar o 1º Ano do Ensino Fundamental no ambiente de suas residências e em outros espaços que frequentam, além de pretender analisar a interação entre as esferas doméstica e da educação na produção da “competência” letrada dos estudantes, examinando artefatos e eventos que a produzem, bem como os discursos e as representações de leitura que as envolvem. Também é objetivo deste trabalho identificar e descrever as práticas sociais de letramento que fazem parte do universo do alfabetizando.

Esta pesquisa se utiliza de vários autores para compor o seu campo teórico de análise, entre eles, destaque Ribeiro (2004), que apresenta reflexões sobre a condição letrada da população brasileira com base nos estudos do Índice de Alfabetismo Funcional (INAF); Kleiman (1995), que examina as concepções dominantes sobre o letramento que influenciam os conceitos de escrita, tanto em sujeitos escolarizados como em sujeitos não-escolarizados; Trindade (2005), que faz uma análise a partir dos Estudos Culturais demonstrando como os artefatos e as práticas sociais e escolares acabam por influenciar a vida da criança que está no processo de alfabetização e Silva (2008), que

como as demais autoras, auxiliaram na composição da discussão dos Estudos de Letramento, apresentando uma pesquisa que tem por foco analisar as práticas sociais e culturais que envolvem o ato de ler, presentes no espaço doméstico e em outros espaços de leitura, com estudantes que já dominam a técnica de codificação e decodificação do nosso sistema de escrita e das práticas de uso do mesmo.

A entrevista presente neste artigo tem por objetivo analisar as competências sociolinguísticas da constituição do sujeito alfabetizado, com base tanto no universo escolar, quanto familiar e social das crianças. Suas questões foram elaboradas a partir de estudos feitos com base nos conceitos que envolvem as esferas do letramento (RIBEIRO, 2004). Para a realização deste estudo entrevistamos dez crianças que estão iniciando o ciclo da alfabetização em uma escola estadual do município de Dourados, Mato Grosso do Sul.

A importância do tema proposto se deve às poucas pesquisas que trabalham com o tema da alfabetização no Brasil e principalmente no Mato Grosso do Sul. Temos uma carência nesta área perceptível na dificuldade que o Ministério da Educação (MEC) teve em encontrar profissionais que trabalham com a temática em nível superior para realizar as formações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) em nosso estado (SILVA, 2012).

Assim esta pesquisa se mostra tão importante, pois tenta mapear cada etapa que as crianças percorrem para se tornarem letradas e quais materiais de leitura têm a sua disposição, analisando

como a sociedade e a cultura se entrelaçam neste processo.

Este artigo, além da introdução, foi organizado em outras três sessões. A primeira “As concepções de um mundo letrado”, consiste em um resgate teórico sobre o tema, a segunda “Análise da entrevista realizada com alunos que estão no início do ciclo de alfabetização” apresenta e analisa os dados coletados durante a investigação e a terceira tece algumas conclusões sobre os resultados obtidos.

AS CONCEPÇÕES DE UM MUNDO LETRADO

Desde de que a Revolução Industrial fez do urbano o modo de vida dominante, disseminando pelo globo o ideal da escolarização elementar das massas; as taxas de alfabetismo são tomadas como indicadores importantes da condição de desenvolvimento socioeconômico das nações. Assim o movimento de universalização dos sistemas de ensino, que se estendeu ao longo dos séculos XVIII e XIX na Europa ocidental e na América do Norte, foi impulsionado pela junção de interesses contraditórios, tanto dos que viam na escolarização a possibilidade de fortalecer uma já então existente cultura popular letrada, quanto dos que viam na instrução institucionalizada um meio de disciplinar e controlar as ações radicais da nova classe trabalhadora, o que resultou na disseminação de uma ideologia que associou o objetivo pessoal de dominar a linguagem escrita a uma virtude moral (RIBEIRO, 1998).

Até a década de 1980 as pesquisas sobre o tema alfabetização ocupavam-se

principalmente do estudo sobre os métodos mais eficientes para a aquisição do “código escrito” - o como se ensina. A partir da década de 1980 os estudos passaram a ocupar-se com a forma como as crianças aprendiam a ler e a escrever (TRINDADE, 2005). É neste período também que surge, no Brasil, as primeiras pesquisas que tratam do tema letramento.

Soares (1996) conceitua alfabetização a ação de ensinar o sistema de escrita alfabética e letramento como sendo os usos sociais que se faz da apropriação deste sistema. Segundo Kleiman (1995) a partir do momento em que os estudos deixam de tomar como universais os efeitos das práticas de uso da escrita e passam a analisar esses efeitos através de práticas sociais e culturais de diferentes grupos, ocorre um alargamento do conceito de letramento.

Assim nos meados da década de 1980 se operacionalizou vários programas de avaliação do nível de competências de leitura e de escrita da população de toda América e de alguns países da Europa. De acordo com Trindade (2005, p. 125) “Práticas sociais da leitura e da escrita adentraram na escola para garantir não mais a alfabetização, mas o letramento das crianças desde o momento de aquisição inicial da leitura e da escrita”. Não bastava mais ser alfabetizado, era preciso tornar-se letrado.

Ao longo do século XX, as taxas de analfabetismo entre brasileiros de 15 anos ou mais vieram decrescendo paulatinamente. Apesar da metade da população ser alfabetizada, isso não tem se mostrado suficiente, pois a demanda tecnológica da atualidade exige que as pessoas tenham suas capacidades

de escrita e leitura plenamente desenvolvidas. Estudos realizados por Ribeiro et. al. (2002) tem demonstrado que apenas 26% do total da população brasileira é letrada.

Os estudos desenvolvidos na atualidade tem trabalhado com a perspectiva de que a questão não é apenas saber se as pessoas sabem ou não ler e escrever, mas também o que elas são capazes ou não de fazer com essas habilidades. Isso quer dizer que, além da preocupação com o analfabetismo, problema que ainda persiste nos países mais pobres e também no Brasil, emerge a preocupação com o analfabetismo funcional, ou seja, com a incapacidade de fazer uso efetivo da leitura e da escrita nas diferentes esferas da vida social. A preocupação com o analfabetismo funcional é cada vez mais intensa, pois estamos vivendo num mundo tecnológico onde as formas de letramento e alfabetismo são contextualizadas culturalmente, com a divulgação da imprensa, digital e eletrônica, através de filmes, músicas, propagandas, desenhos, jogos etc (TRINDADE, 2005). Essas práticas de letramento são conceituadas por Street (2003) como sendo os usos globais que as pessoas fazem da linguagem:

O conceito de práticas de letramento nesses e noutros contextos não é apenas uma tentativa de lidar com os eventos e os padrões de atividade concernentes aos eventos de letramento, mas de os ligar a algo mais amplo de natureza sociocultural. As práticas de letramento referem-se então a uma concepção cultural mais ampla de determinadas formas de pensar e fazer leituras e escrever em contextos culturais. Uma questão chave, no nível tanto metodológico quanto empírico, é então como podemos caracterizar a

mudança do observar os eventos de letramento ao conceituar as práticas de letramento (STREET, 2003, p. 2).

Desta forma a análise de artefatos e práticas culturais que compõem o nosso mundo letrado nos exige que examinemos os diversos discursos que constituem as práticas e as representações socioculturais de letramento e como nossas crianças estão se apropriando das mesmas.

COM A PALAVRA OS ESTUDANTES

Iniciamos a pesquisa com uma reunião com a coordenadora pedagógica da escola e a professora da turma, onde expusemos nossa proposta de pesquisa, seus objetivos, a dimensão ética e a forma como seria feito o trabalho de campo. Também conversamos com os alunos sobre o que se tratava a atividade que desenvolveriam e distribuimos a eles as autorizações que deviam ser entregues a seus responsáveis. Logo após ligamos para cada responsável explicando as propostas da pesquisa, sempre deixando claro que a identidade dele e da criança seriam preservadas. De acordo com Goldim (2003):

O processo de consentimento livre e esclarecido tem por objetivo permitir que a pessoa que está sendo convidada a participar de um projeto de pesquisa compreenda os procedimentos, riscos, desconfortos, benefícios e direitos envolvidos, visando permitir uma decisão autônoma. A obtenção de consentimento livre e esclarecido é um dever moral do pesquisador, é a manifestação do respeito às pessoas envolvidas no projeto (p.02).

A escolha da escola e da turma se deu por já termos desenvolvido atividades acadêmicas, estágios, tanto na escola quanto na turma e por morarmos num bairro próximo. Assim tanto os alunos quanto os professores já mantinham uma certa familiaridade conosco. A princípio nossa investigação seria com todas as crianças da turma, porém apenas dez trouxeram a autorização para realização da pesquisa assinada pelos pais.

Assim realizamos a pesquisa com dez crianças, sendo cinco meninos e cinco meninas com seis anos de idade do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Dourados, Mato Grosso do Sul. Considerando a idade e os interesses que possuem podemos dizer que elas transitam na fase caracterizada como infância. Trindade (2005) afirma que a contemporaneidade abriga múltiplas infâncias, descentradas, enigmáticas, inscritas culturalmente a partir de artefatos que procuram enuncia-las. Desta forma torna-se fundamental desconstruir as metanarrativas sobre a infância que a sociedade tem por modelo (CARVALHO; FERREIRA, 2005). De acordo com Fischer (2000):

Os modos de existência das crianças neste momento, principalmente em nosso país, são variadas, pois convivem crianças trabalhadoras, crianças robôs, sem citar outras abandonadas em suas casas e nas ruas, ou estão precocemente imersas na macaquice adulta das passarelas da moda (p.01).

As crianças-foco da nossa pesquisa pertencem ao grupo de crianças protegidas. Segundo Sampaio (2000), a infância protegida caracteriza-se por

se tratarem de crianças amparadas por seus pais ou responsáveis e sua maior responsabilidade é referente aos estudos. Todas convivem com seus familiares e seu sustento é provido por estes. Frequentam a escola no turno da tarde e suas atividades, nos demais turnos, ficam em torno dos afazeres escolares e domésticos. A grande maioria dos pesquisados são provenientes de classe média baixa. Conforme Heywood (2004) as infâncias devem ser contextualizadas sempre levando em conta o tempo, local, cultura, etnia, gênero e classe.

Ribeiro (1998) afirma que:

Nas diferentes esferas da vida em sociedade, no âmbito da família e da comunidade, do consumo, da educação formal e continuada, do trabalho, da política ou da religião, a linguagem escrita está presente em diferentes suportes, formatos e gêneros de texto, que são apreendidos e processados de diferentes modos, segundo os propósitos das pessoas. Para cada tipo de texto, finalidade e contexto de utilização da informação escrita, diversas habilidades são necessárias e os instrumentos do INAF procuram abranger, dentro de seus limites operacionais, essa diversidade de materiais, propósitos e contextos que compõe as práticas de letramento na sociedade brasileira (p.10).

Todas as crianças entrevistadas frequentaram a Educação Infantil em instituições públicas. Das dez crianças entrevistadas oito são alfabéticas, fase que de acordo com a psicogênese da língua escrita, se caracteriza por já compreenderem a organização do sistema de escrita restando-lhes apenas o domínio das questões ortográficas, e duas são silábicas, fase em que a criança passa a associar a escrita com a

fala desenvolvendo a hipótese de que cada sílaba corresponde a uma letra (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

O instrumento de pesquisa foi uma entrevista semidirigida elaborada por nós a partir dos estudos de Silva (2008) e Kleiman (1995). Esta foi realizada de forma individual com cada criança em uma sala da coordenação. A entrevista consistia em a criança dizer que materiais de leitura havia em sua casa e que outros materiais de leitura ela identificava dentro das esferas doméstica, do trabalho, do lazer, da participação cidadã, da educação e da religião. A esfera doméstica inclui a administração da casa e a educação das pessoas, além de outras atividades relacionadas ao consumo e a educação das pessoas, além de outras atividades relacionadas ao consumo, as finanças pessoais, aos deslocamentos etc. Procurou-se investigar todo o acervo de materiais escritos presentes na casa das pessoas como: calendários, correspondências, livros, jornais, listas de compras, embalagens de produtos, manuais de equipamentos domésticos, extratos bancários, cartas pessoais etc. Na esfera do trabalho inclui-se ações para conseguir um emprego, consultar anúncios nos jornais, elaborar currículo, fazer fichas e entrevistas, participar de concursos, ou materiais utilizados no cotidiano do trabalho, estes variam de acordo com a profissão de cada pessoa. A esfera do lazer investigou o quanto os entrevistados gostam ou não de ler para se distrair e quais são os tipos de leituras preferidas para esse fim. Na esfera da participação cidadã foram incluídas práticas básicas, como tirar documentos, acessar benefícios sociais, declarar

imposto de renda, votar nas eleições e se interessar por assuntos da atualidade. Na esfera da educação foram incluídas práticas relacionadas à educação formal e não formal. Na esfera da religião foram investigados materiais de cunho religioso que a pessoa possuía em sua casa (RIBEIRO, 2004).

O trabalho de campo foi realizado no mês de novembro de 2014, com visitas semanais à escola para receber as autorizações e fazer as entrevistas. A pesquisa se constituiu em uma entrevista baseada nas esferas do letramento, sendo que cada esfera busca observar práticas cotidianas em que a leitura e escrita estão presentes.

Para a análise dos dados coletados trabalhamos com cada esfera do letramento, assim discutimos cada material identificado pela criança em cada uma delas.

Com relação à primeira esfera, a doméstica, a qual inclui a administração da casa, a vivência familiar, o cuidado e a educação das pessoas, procurou-se investigar todo o acervo de materiais de escrita e de leitura presentes nos domicílios como livros, correspondências, jornais, calendários, contas, etc. Os resultados demonstraram que nas casas dos estudantes circulam os seguintes materiais identificados pelos mesmos: cadernos escolares, livros didáticos, livros de colorir, literatura infantil, jornais, revistas. Cerca de oito crianças disseram ter livros didáticos em seu espaço doméstico, outras duas disseram ter livros de colorir. A criança que identificou o maior número de materiais descreveu os seguintes portadores: livros didáticos, cadernos

escolares, livros de colorir, gibis, jornais, revistas, livros religiosos e a Bíblia. Algo interessante que essa esfera nos mostra é que as crianças só encaram como material de escrita e leitura, aparatos impressos como livros. Materiais como contas de água, receitas, calendários, rótulos de embalagens ou remédios, capas de CDs, a escrita presente nos celulares, computadores e televisão não foram mencionados por elas. Silva (2012) tece esta discussão identificando que este fenômeno pode ter como causa o olhar escolarizado que as crianças têm sobre o que é ler e escrever, o que acaba impossibilitando que as mesmas façam outras inferências sobre outras possibilidades de leitura e escrita, mesmo a utilizando em outros momentos na vida doméstica. A autora também pondera que existe uma tendência da esfera escolar inserir no seu cotidiano cada vez mais materiais de outras esferas de letramento (pedagogização do letramento), na tentativa de fazer com que os estudantes percebam estas outras possibilidades de utilização do nosso sistema de escrita.

Na esfera do trabalho incluíram-se materiais escritos utilizados no trabalho e ações implicadas no próprio trabalho dos responsáveis da criança. Com relação a esta esfera as crianças responderam dizendo que o responsável tinha acesso a jornais e revistas ou que o responsável levava papéis do trabalho para casa, porém nove das crianças investigadas não sabiam com o que os responsáveis trabalhavam. Esta esfera costuma estar mais distante da realidade dos estudantes dos anos iniciais, uma vez que não desenvolvem esta atividade, apenas

presenciam cenas em que ouvem ou veem seus pais manuseando documentos que envolvem esta temática, mesmo assim resolvemos apresentá-la e discutí-la neste trabalho. O fato das crianças terem poucas informações sobre a ocupação de seus familiares faz pensar que são poucos os momentos em que os adultos ocupam-se de atividades de trabalho no ambiente doméstico, ao contrário de outras profissões em que boa parte das atividades da esfera do trabalho são executadas nas suas residências.

Abordando a esfera do lazer, investigou-se o quanto as crianças gostavam de ler e quais os materiais em suas residências existiam para esse fim. Cinco das crianças disseram ler livros de literatura infantil, as outras cinco disseram colorir livros de passatempo, nove crianças disseram ler as placas, cartazes e *outdoors* nas ruas quando iam a algum evento de lazer. As crianças podem não ter material de leitura, mas demonstram fazer da leitura uma ferramenta para obter o lazer e compreender o que se passa ao seu redor. De acordo com Ribeiro (1998, p. 8): “Não importa o que a linguagem escrita faz conosco, mas sim o que podemos fazer com ela, ou seja, como a utilizamos em práticas e contextos específicos e que recursos culturais ela nos põe à disposição”.

Esta parece ter sido a esfera onde as crianças identificaram mais materiais de leitura, diversificando-os. Aqui as placas e *outdoors*, passam a ser considerados materiais de leitura, ampliando seu repertório de gêneros e suportes, o que não vinha ocorrendo até então. É possível perceber que a leitura aqui ocupa duas funções distintas: a de proporcionar prazer, o caso da leitura de um livro de

história, passatempo, livros de colorir, e de levar a algo que lhe dê prazer, no caso da leitura de placas ou *outdoors* que possam a conduzir ao local de lazer em que desejam chegar.

Na esfera de participação cidadã foram incluídas práticas básicas como as de tirar documentos, participação em eventos políticos, sindicais, eleições, manifestações e outros eventos da atualidade. Apenas uma criança respondeu sobre esta esfera. Ela comentou que brinca com os “santinhos” (panfletos de propaganda política) com o irmão, com isso a mesma demonstra que reconhece o assunto que estava em alta nas mídias de comunicação naquele momento, uma vez que tratava-se de um momento eleitoral no nosso país, identificando este material como sendo de leitura, porém o trato que dá a este é lúdico, uma vez que o utiliza como um elemento de uma coleção. Esta é a única criança que tem um dos pais cursando o ensino superior. Segundo Infante (2005) quanto maior a formação dos pais, melhor a formação dos filhos, no caso desta criança embora não utilize o material de leitura para o fim proposto consegue identificá-lo como tal, percebendo sua funcionalidade.

Na esfera de educação foi investigado que materiais de leitura as crianças possuíam em suas residências. Todas elas disseram ter livros didáticos e cadernos escolares. De acordo com Ribeiro (2004) o forte uso deste material nas escolas e a larga distribuição nas instituições públicas tem contribuído para alta disseminação do livro didático. Silva (2012) aponta para a tendência da esfera escolar penetrar em outras esferas, sendo a mais citada pelas crianças nas

atividades de seu cotidiano. Segundo a autora, desde que a escola toma para si a responsabilidade pela alfabetização de nossas crianças, fato que ocorriam em outras esferas até o século XIX, esta característica tem se mantido. Isto pode ter acarretado os altos índices de crianças que tinham o domínio do sistema de escrita, eram portanto alfabetizadas, mas não o utilizavam em seu cotidiano, não sendo, portanto, letradas. As novas pesquisas e políticas públicas de alfabetização, desde 1980, tem feito um movimento para que o letramento e a alfabetização caminhem juntas nas escolas, fazendo com que outras esferas de letramento adentrem no espaço escolar, isto pode ser percebido na nova configuração dada aos livros de alfabetização distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), conforme analisa Silva (2012,) e pelo programa de formação continuada oferecido pelo governo federal – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), analisado por Aranda; Lima (2015).

Na esfera religiosa investigou-se que materiais religiosos as crianças tinham acesso. Todas elas disseram ter uma Bíblia em casa, além de revistas e livros de cunho religioso. Estes resultados deixam claro o quanto a população de Dourados é marcada pela religiosidade, algo típico desta região que pode ser confirmado pela influência que esta ocupa no cotidiano das pessoas, algo estranho aos moradores de outras cidades que se mudam para cá. Como Heath (1982) observa, tempo e identidades futuras de família e cultura, emprego e afiliações espirituais moldam a leitura e a escrita. Cook-Goumper

(1991) alerta para o fato de que a igreja, já foi uma das esferas disseminadora da alfabetização nos séculos XVII e XVIII. Esta ligação entre religiosidade e leitura foi preliminar a propagação das escolas em larga escala. Como em Dourados os eventos religiosos fazem parte da vida social das famílias não é estranho o fato das crianças identificarem estes materiais em seu cotidiano. Vale ressaltar que os materiais identificados estão dentro de um padrão do que os pequenos consideram ser material de leitura, uma vez que citam revistas e livros, deixando de lado toda uma variedade de gêneros e suportes produzidos dentro desta esfera, como: folhetinhos de novenas, cartazes, faixas, entre muitos outros.

Outro fato que pode ter influenciado nos materiais identificados dentro desta esfera está o fácil acesso a que se tem a eles. De acordo com Galvão (2005, p. 132):

A presença da leitura de materiais religiosos na vida das crianças entrevistadas, pode ser explicada na medida em que muitas vezes esses materiais são distribuídos gratuitamente pelas igrejas, o que facilita seu acesso por amplas camadas da população.

Uma das conclusões chegadas após a análise destes materiais é que a situação econômica é de total relevância. As crianças entrevistadas são de classe média baixa moram em um bairro de periferia. Sabemos que inicialmente, o desenvolvimento de linguagem escrita ou processo de letramento da criança dependente, por um lado, do grau de letramento das instituições sociais em que está inserida. Todos os grupos sociais tem práticas de base cultural que dão origem a habilidades específicas em suas

crianças. Ocorre, entretanto, que apenas algumas dessas habilidades culturalmente determinadas, desenvolvidas no lar, são privilegiadas pela escola e essas frequentemente correspondem as habilidades encontradas nas famílias de classe média (TERZI, 1995). Serra (2005) completa a ideia desenvolvida por Terzi apontando que quanto maior o nível econômico, quanto maior é o tempo de escolaridade dos responsáveis, maior o nível de alfabetismo e letramento apresentado pelas crianças.

A preocupação com o letramento pré escolar como um dos fatores determinantes do sucesso escolar na aprendizagem da leitura surgiu a décadas. Durkin (1966) afirma que a criança pré escolar que já nessa idade consegue ler, teria tido uma rica participação em eventos de letramento, proporcionada pelos pais. Segundo Doake (1986) o fator proeminente que contribui para o desenvolvimento da leitura das crianças é a família ser preocupada com a escrita e serem conscientes de que precisam expor desde cedo as suas crianças à leitura.

Segundo Terzi (1995) um ambiente rico em eventos de letramento acaba acarretando maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e, conseqüentemente, maior sucesso nos anos escolares iniciais. Deste modo a exposição das crianças a leituras de livros as levam a desenvolver a leitura nos primeiros anos de escola, esse desenvolvimento ajuda a acompanhar o ensino proposto pela escola com maior facilidade, o que resulta em sucesso escolar.

Quanto maior a participação do sujeito em eventos que envolvem a cultura escrita, maiores serão, entre outras coi-

sas, a frequência de utilização de textos escritos, de realização de leitura autônoma, de interação com discursos menos contextualizados e mais auto referidos, a convivência com domínios de raciocínio abstrato, a produção de textos para registro, comunicação ou planejamento.

Assim a cultura escrita vai além daquela em que se situam os indivíduos. O desenho urbano, as formas de interlocução no espaço público, as expressões de cultura, os princípios e constrangimentos morais, as leis, a organização da indústria e do comércio, tudo isso é parte da cultura escrita.

Trindade (2005) define que o letramento é uma prática cultural, sendo reconhecido como os usos que se faz da oralidade, leitura e escrita em família, em uma dada comunidade ou grupo social em um período de tempo determinado; já que tais práticas diferenciam-se conforme as necessidades que são atribuídas a certos contextos, sendo que as mesmas podem surgir a partir das mais diferenciadas experiências.

O conhecimento sobre as práticas de leitura e escrita não escolares, a análise das diferentes habilidades nelas envolvidas e de suas interfaces com outras linguagens é essencial para orientar o trabalho da escola, de modo a que cumpra mais adequadamente sua função de principal agência de alfabetismo em nossa sociedade.

Além de formar leitores e escritores flexíveis, capazes de ler e escrever diferentes materiais com diferentes finalidades, as práticas escolares deveriam também orientar-se de forma mais reflexiva e sistemática para o

fomento de atitudes favoráveis à leitura e à aprendizagem, capazes de perdurar após o término da educação formal e resultar numa postura ativa na busca de oportunidades de desenvolvimento cultural e educação continuada.

Diante disso, pode-se dizer que ao mesmo tempo em que reconhecemos letramentos dominantes ou escolares, percebemos que existem também importantes letramentos locais ou baseados na comunidade, que são desenvolvidas por meio de práticas sociais em situações naturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o desenvolvimento da alfabetização e do letramento nas crianças entrevistadas notou-se que o desenvolvimento da linguagem escrita ou processo de letramento da criança dependente do grau de letramento das instituições sociais em que está inserida.

Desta forma chegamos à conclusão de que o meio social e cultural que as crianças em fase de alfabetização e letramento frequentam tem um papel vital, pois influenciam seu modo de aprender e apreciar. Um ambiente rico em eventos de letramento traz maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e, conseqüentemente, maior sucesso nos anos escolares iniciais. Deste modo a exposição das crianças a leitura de livros as leva a desenvolver a leitura nos primeiros anos de escola, esse desenvolvimento ajuda a acompanhar o ensino proposto pela escola com maior facilidade, o que resulta em sucesso escolar.

Dentre os entrevistados, as crianças que reconheciam/possuíam um maior

acervo de materiais escritos em casa demonstravam maiores níveis de alfabetização/letramento, “coincidindo” com o nível elevado de estudos dos seus responsáveis. Talvez muitas das crianças investigadas possuíssem ou circulavam em espaços com muitos outros materiais de leitura e escrita, porém não os identificavam como tal. Em vista dos argumentos apresentados formar leitores e escritores flexíveis, capazes de ler e escrever diferentes materiais com diferentes finalidades, deveria ser uma das preocupações da escola, uma vez que as práticas escolares deveriam também orientar-se de forma mais reflexiva e sistemática para o fomento de atitudes favoráveis à leitura e à aprendizagem, capazes de perdurar após o término da educação formal e resultar numa postura ativa na busca de oportunidades de desenvolvimento cultural e educação continuada.

Assim se reconhece que letramentos dominantes ou escolares, sustentam os também importantes letramentos locais ou baseados na comunidade, que são desenvolvidos por meio de práticas sociais em situações naturais.

Portanto o letramento se faz tão necessário quanto a alfabetização, logo os educadores devem manter um vínculo entre ambos, para que assim nossas crianças possam se desenvolver e se alfabetizar de modo pleno.

REFERÊNCIAS

- ARANDA, Maria Alice de Miranda; LIMA, F. R. *O Plano Nacional de Educação e a busca pela qualidade socialmente referenciada*. Educação e Políticas em Debate, 2015.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FERREIRA, Taís. Dos Artefatos, Linguagens e Modos de ser crianças na contemporaneidade. In: MOLL, Jaqueline (Org.). *Múltiplos alfabetismos: diálogos com a escola pública na formação de professores*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 147-153.
- COOK-GUMPERZ, Jenny. Alfabetização e escolarização: uma equação imutável. In: _____. *A construção social da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- DOAKE, D. Learning to Read: It Starts in the home. In: TOVEY, D.; KERBER, J. (Org) *Roles in Literacy Learning: A New Perspective*. Newark, DE, International Reading Association, 1986. p. 83-104.
- DURKIN, D. *Children who Read Early*. Nova York, Teachers College Press, Columbia University, 1966.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Os Nomes da Infância. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.25, n.1, p. 5-11, jan/jun.2000.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2005. p.125-153.
- GOLDIM, Jose Roberto. Et al. O Processo de Consentimento Livre e Esclarecido em pesquisa: uma nova abordagem, *Associação Médica*, v.49, n. 4, maio,2003, p.372-400.

HEATH, S.B. *What no Bedtime Story Means: Narrative Skills at Home and School*. Language in Society, II, 1982, p.49-76.

HEYWOOD, Colin. *Uma História da Infância: da Idade Média a época contemporânea no Ocidente*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

INFANTE, Isabel. Educação e Capacitação permanente. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2005. p. 115-121.

KLEIMAN, Ângela B. Modos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (Org.). *Os Significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo e atitudes: Pesquisa junto a jovens e adultos paulistanos. *Revista Brasileira de Educação*, Caxambu, n. 9, set/dez.1998, p. 54-62.

_____, et al. Letramento no Brasil: alguns resultados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 81, dez. 2002, p. 49-70.

_____. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: _____ (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2004. p. 9-32.

SAMPAIO, Inês Silvia V. *Televisão, publicidade e infância*. São Paulo: Anablum, 2000.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. Políticas de promoção da leitura. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no*

Brasil: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2005. p. 65-85.

SILVA, Thaise da. *O discurso renovador da leitura e a produção de práticas domésticas de leitura na interação com práticas escolares*. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. *Os "novos" discursos sobre alfabetização em análise: os livros de 1º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2010)*. 2012. 282f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SOARES, Magda. Letramento/Alfabetização. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.2, n. 10, p.83-89, ago, 1996.

STREET, Brian. What's "new" in new literacy studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. In: *Current issues in comparative education*. New York: Teachers College/Columbia University, v.5, n.2, may 12, 2003.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de letras, 1995. p. 91-117.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. Um olhar dos Estudos Culturais sobre artefatos e práticas sociais e escolares de alfabetização e alfabetismo. In: MOLL, Jaqueline (Org.). *Múltiplos alfabetismos: diálogos com a escola pública na formação de professores*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 123-134.